

A interioridade da arquitetura

Interiority in architecture

Fernando Freitas Fuão

Fernando Freitas Fuão é arquiteto pela UFPEL, professor do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura (PROPAR-UFRGS). Pesquisador do CNPq. Autor dos livros “Galpões de reciclagem e a Universidade” em co-autoria com Eduardo Rocha (orgs.) Pelotas, Editora da UFPEL. 2008, “Canyons, a Av. Borges de Medeiros e o Itaimbezinho”, Porto Alegre, Fumproarte, 2001 “Arquiteturas Fantásticas”, Porto Alegre, Ritter dos Reis-UFRGS, Porto Alegre, 1999. Líder do Grupo de pesquisa ‘Galpões de Triagem: arquitetura, design e educação’ (CNPq).

Resumo

O ensaio investiga alguns âmbitos do conceito de interioridade da arquitetura. Inicialmente, escavando o sentido de uma existência de um interior, de um interior como o lugar portador do sentido, analisando a desconstrução geométrica espacial do dentro e fora, centro e periferia. Na seqüência, apresenta-se o tema da hospitalidade como o lugar outro da interioridade da arquitetura, o lugar que dá lugar as relações humanas e fundante das cidades. O tema da hospitalidade é proposto a partir das idéias de Jacques Derrida e Levinas, onde a lógica do outro abre a perspectiva de um novo olhar sobre a questão, do espaço, da cidade e da arquitetura. Investiga ainda, a etimologia do lar, lares a partir de Fustel de Coulanges, relacionando a religião, a propriedade privada e a família. A guisa de ilustração apresenta, o desaparecimento do humano na teoria da interioridade da arquitetura de Peter Eisenmann.

Palavras-chave: interioridade da arquitetura, hospitalidade, familiaridade.

Abstract

The paper explores some areas of the concept of "interiority" in architecture. It begins with a search for a sense of the existence of an "interior" - being this interior the place that bears the meaning - and conducts an analysis of the geometric and spatial "deconstruction" of inside and outside, center and periphery. Further on, the theme hospitality is presented as the place called "other" of architecture; the place that allows for human relations to manifest; hospitality is the "founder" or "establisher" of cities. This theme is introduced after Jacques Derrida and Levinas' ideas, in which the logic of the "other" indicates the prospect of a new look over the question of space, city and architecture. It also studies the etymology of home, lares - having Fustel de Coulanges as a source - and shows relationships among religion, private property and family. By way of illustration, it shows the disappearance of the human in the theory of interiority in Peter Eisenman's architecture.

Key-words : interiority in architecture, hospitality, familiarity

Anteriores

Em 1975, o arquiteto Aldo Van Eyck escreveu um pequeno ensaio intitulado "A interioridade do tempo", curiosamente ele se referia mais ao tempo, às pessoas que ao próprio espaço. Esse ensaio era fruto de seus estudos vivenciais sobre a cultura do povo Dogon na África, Van Eyck mostrava uma outra concepção de espaço e mundo distinto do ocidental. Ele dizia que para o povo Dogon, o objeto independente de ser grande ou pequeno, um cesto ou uma cidade, ambos eram identificados sempre como um universo. Graças a esse significado, conseqüentemente, tudo se convertia num lugar habitável compreensível até o último rincão, tudo era familiar e tangível. Todas as coisas, então, para o povo Dogon costurava-se num fantástico entrelaçamento.

Um homem que se encontra 'em casa', ocorra o que ocorrer, leva suas raízes sempre com ele. Ele mesmo é sua própria casa, habita seu próprio espaço interior e seu tempo. Assim, ele também é capaz de habitar, simultaneamente, todos os lugares que estão ligados a ele emocionalmente. Entretanto, para isso é necessário uma estrutura mental bastante diferente das que nos foi imposta por nossas respectivas sociedades. E, também requer um tipo de comportamento ambiental e social distinto, no qual cada um deve apoiar o outro, considerando que o mundo habitável é aquele que temos em nossa mente.¹

Entender esse pensamento, enfim, exige um conceito de espaço distinto do espaço clássico e moderno. Nossa arquitetura, a partir do renascimento e do humanismo, ao circunscrever o humano num plano material horizontal acentuou a existência entre exterior e interior. Devemos pensar que na idéia e concepção dos atuais espaços arquitetônicos, dessa matéria que chamamos arquitetura, pré-existe a idéia de um conteúdo, e mais: a existência de algo que sugere habitar no interior de todas as coisas, de uma coisa contida dentro dos contornos. Há um certo mito de que há uma essência em todas as coisas e que ela habita os pseudos vazios, os ocos dos volumes, o vazio das palavras. A idéia que o significado habita o vazio está presente em muitas culturas desde a mais remota antiguidade, o Tao Te Ching já apregoava essa idéia ao citar o exemplo do jarro.

1 VAN EYCK (1975, p. 187).

Assim também se estabeleceu a idéia de que o significado está no interior da palavra, e nunca fora dela. O significado de uma árvore esta na própria palavra árvore, o significado do pássaro está no próprio pássaro, ainda que o significado mude conforme o deslizamento da palavra; ou que o significado da casa está na casa, e que seu sentido habita no interior da casa, no vazio interior da casa. Essas correlações associamos em parte à condição corporal humana, por exemplo, no passado acreditava-se que os sentimentos habitavam o coração, o centro do corpo, ou mesmo, mais atualmente, que os sentimentos se condensam e se expressam na mente, mas sempre dentro de alguma coisa.

Para muitas culturas e religiões o interior sempre foi o espaço destinado a recolher e abrigar a interioridade humana, a expressão involucrada, encapsulada dos sentimentos. Assim foi desde muito tempo também para a idéia da habitação. O espaço interior da casa foi e ainda é o lugar privilegiado da representação, da manifestação do indivíduo, da família, do lar, da coletividade. O lugar da personalidade, a afirmação da identidade, do recolhimento. Para os mais desfavorecidos economicamente e submetidos à tirania das casas populares padronizadas, ou ao massacre dos edifícios residenciais e seu anonimato, para essas multidões não restou nenhuma outra possibilidade a não ser o interior, mesmo, como o lugar da identidade.

O filósofo Gilles Deleuze, entretanto, propôs uma outra posição e compreensão do espaço, desmontando em parte todo o conceito espacial cartesiano e até mesmo fenomenológico. Deleuze em “A dobra”, partindo das reflexões do filósofo Leibniz no século XVIII, nos coloca que não existe nem um dentro e nem um fora, ambos são modos de um mesmo espaço que se dobra, e se desdobra sobre si mesmo configurando um sistema contínuo de dobras. Interior é exterior e exterior é interior, e que a questão do interior é mais uma questão de superfície do que profundidade, que é mais uma questão periférica que de centralidade.²

Vários estudos nesse sentido buscaram essa espécie de desmoronamento espacial desse grande edifício que se chama arquitetura, metáfora de todos os conceitos e do pensamento humano. Talvez seja por isso que Jacques Derrida se aproximou da arquitetura, afora suas aproximações a Peter Eisenmann e a Bernard Tschumi.

Derrida dedicou em seus últimos trabalhos uma atenção especial ao tema da ‘hospitalidade’ como lugar, dando seguimento ao pensamento de seu estimado mestre Emanuel Levinas que o ensinou a importância da alteridade, do “outro” no processo de significação da existência, a importância do ser que está ao lado, e que permaneceu de fora de todos os discursos humanistas. Enfim, na desconstrução da própria filosofia moderna. Derrida falava da interioridade do outro, e das relações entre os outros que promovem os acontecimentos.

Paradoxalmente, a Hospitalidade foi um tema que permaneceu durante séculos hostil e inóspito ao lugar da arquitetura, porque ao submergirmos na familiaridade do tema, no lar, acabaríamos por rever todas as fundações da arquitetônica e da cidade.

Hospitalidade

O sentido da hospitalidade, como nos propõe Derrida, é o elemento fundador das cidades, relaciona-se não só a hospedagem e ao hotel, mas também ao hospital, hospício e tudo que possa advir disso. A hospitalidade fala de uma primeira morada, e também de uma última. As meditações de Derrida sobre a hospitalidade e seus correlatos são sinais endereçados sempre a essa questão do lugar, convidando o sujeito a reconhecer que ele é, primeiramente, e antes de nada, um hóspede.

A hospitalidade, como se refere Anne Dufourmantelle no pequeno livro *Da hospitalidade*, escrito junto com Derrida “é esse dar lugar ao lugar, a hospitalidade nos faz entender a questão do lugar como sendo fundamental, fundadora e impensada da história da nossa cultura.”³

Curiosamente a hospitalidade coloca o tema do espaço não no espaço, mas transfere a noção e lugar para o indivíduo. Ele próprio é o portador da hospitalidade, ele é o próprio espaço, como se o sentido não estivesse no espaço ou na arquitetura, mas sim nas pessoas.⁴

A interioridade, assim como a hospitalidade é construída por uma relação de abertura, ela é uma abertura, muitas vezes construída de fora por aquele que chega para o outro, de fora para dentro, para constituir assim o dentro, como muitas vezes parece atestar metaforicamente a construção da arquitetura. Sempre

2 DELEUZE (1989).

3 DUFOURMANTELLE; DERRIDA (2003).

4 Veja-se FUÃO (2004)

parece que construímos o edifício por fora para constituir o dentro. Isso talvez, porque o nosso conceito de interioridade se dá a partir desse fechamento do corpo, onde a pele é a exterioridade última aparente.

A interioridade lateja na borda do outro. Se existe uma interioridade, uma interioridade das coisas, ela só pode estar mesmo fora, fora de si, quase ali no outro, só pode ser ar, neuma. Ar que tectura. Uma ansiedade do ar que mora no lar.⁵

Em francês *hôte* designa tanto a pessoa que oferece quanto aquela que recebe hospedagem. Hospedeira e hóspede ao mesmo tempo, dentro e fora ao mesmo tempo, nem dentro nem fora em nenhum tempo.

A questão da hospitalidade aqui não é tratada desde um ponto de vista romântico ou turístico, mas de sim de uma afetividade perdida no tempo, abandonada, fundadora do espaço, da arquitetura e da cidade, e que se desvela e se reinventa hoje no espaço da informática, no mundo internet.

Em palavras mais diretas, é a hospitalidade que funda a cidade, e a rede de comunicação, tanto de direito quanto absoluta, a internet nos abre esse campo ao denunciar a figura do *hoster*, do *host*, do hospede, do hospedeiro.

A hospitalidade é o lugar que faz repensar a arquitetura, a casa, o abrigo.

O lugar que dá lugar ao lugar. O sentido sem lugar que dá sentido ao sentido. O lugar onde deveria se receber, cuidar do outro sem perguntar seu nome, seu *id*, ou mesmo de receber aqueles que não tem papel na sociedade. Mas, a cada dia mais, nossos lugares em vez de se abrirem para os outros, de se prepararem para receber os demais, serem hospitaleiros, se fecham em campos, em verdadeiros campos de reclusão que necessitam de senhas, logins, e *ids* e minados de câmeras para entrar. Esse outro já não é mais aquele outro, que outrora batia na porta, como no mito grego, mas sim um outro 'outro', agora, impossibilitado de até mesmo bater na porta.

Nossas cidades, nossos bairros e casas se tornaram mais *hostis*. Os elementos arquitetônicos que promovem essa hostilidade todo mundo conhece são os muros, as paredes, as grades, as senhas, as câmeras de controle, os seguranças, as identificações, os monitores, as senhas, a ausência de pessoas.

As cidades com suas ruas, seus labirintos de anonimato perderam a confiança, o pacto que se estabelecia para a convivência, para o sentido da hospitalidade se foi. Entretanto, devemos crer que esse pacto que funda a convivência, a cidade com seus segredos e leis, deve ser muito mais forte que os paricídios cometidos, pois ela persiste.

Já não é só esse pacto que funda a hospitalidade que deve ser recolhido, mas é preciso, em simultaneidade, hospitalizar a cidade como um todo. Trata-la, cuidá-la, devolver aquilo que lhe foi retirado pela violência, saná-la. Não dentro de um hospital, mas hospitalizar abrindo, recebendo. Lembro que o termo hospital vem do latim *hospitalia*, o lugar onde se cuidava os seres. *Hospitalares*, o lugar onde se trata do outro, morada dos acolhimentos.

Derrida pensava o tema da hospitalidade justamente a partir dos estrangeiros e da xenofobia, comentava que a lei da hospitalidade, a lei formal que governa o conceito geral de hospitalidade aparecia como uma lei paradoxal. Ela parece ditar que a hospitalidade absoluta rompe com a lei da hospitalidade como direito ou dever, com o pacto da hospitalidade. A hospitalidade incondicional deveria passar pela interrogação de quem chega, perguntava Derrida? Do como te chamas? Diga-me teu nome, como devo chamar-te? Ou será que a hospitalidade começa pela acolhida inquestionável, num duplo apagamento, o apagamento da questão e do nome?⁶

O tema da hospitalidade, também nos coloca, de certa forma, no centro do debate do conceito de "campo", como propôs Giorgio Agamben em seu livro *Homo Sacer*⁷, e de tudo o que esta fora desse campo e não tem acolhida, como a pobreza periférica, desses fora do fora. Dessa multidão empobrecidas pelo medo da vida fechadas em seus habitáculos, favelas, condomínios.

Se faz cada vez mais emergente estudar o tema das aberturas, dos recortes, do esburacamento e das aberturas da arquitetura ao mundo, do acolhimento e da hospitalidade. Não é mais possível pensar a cidade em termos de colagem, de colisão de utopias como propôs equivocadamente Colin Rowe, de colagem de fragmentos murados sem conexões, de cheios e vazios, de um *laissez faire* onde os arquitetos se eximem de sua responsabilidade pelo espaço da existência⁸. A cidade não é uma *collage*, ela é muito mais que forma

5 Veja-se FUÃO, Fernando. *Viagem ao fim do mundo*. Disponível em <http://www.fernandofuao.arq.br/textos/viagemfim.pdf>

6 DUFOURMANTELLE; DERRIDA (2003, p.23).

7 AGAMBEN (, 210 p.

8 Refiro me ao livro **Collage city** (Rowe. Koetter, 1982).

e significação de linguagem. E a arte nesse sentido nos dá o exemplo magnífico das poéticas de aberturas e recortes, através dos trabalhos de Gordon Matta-Clark, como *Bingo* e o *Splitting*.

Hospitalidade quer dizer alteridade. O lugar do outro, o outro lugar. Esse 'outro', pode ser recebido tanto como hospede (*hôte*), ou como inimigo (*hostis*), pois em sua origem esta o temor ao diferente, ao estranho. A própria história atesta que hospitalidade e hostilidade caminham juntas, tanto que Derrida criará a expressão *hostipitalidade*.

Como nos explica a filósofa Dirce Solis:

“A hospitalidade, combina então, hostis + pets (potis, potes, potencia). Configura-se, então uma questão de poder. Assim, há o hospedeiro, aquele que exerce o poder e recebe o estranho, o dono da casa, digamos. E há o hóspede, aquele que é recebido. Mas ao mesmo tempo, há uma disposição originária, há uma quebra da simetria, essa expropriação originária acaba por fazer do sujeito um anfitrião, mas também o hóspede se converte em refém.”⁹

Hoje em dia, uma reflexão sobre a hospitalidade pressupõe, entre outras coisas, a possibilidade de uma delimitação rigorosa das soleiras ou fronteiras: entre o familiar e o não-familiar, entre o estrangeiro e o não-estrangeiro, entre o dentro e o fora, entre o público e o privado. As possibilidades tecnológicas ameaçam a interioridade do 'em casa' e a interioridade humana, são sentidas como ameaças que pesam sobre o território "próprio do próprio", no mais profundo do profundo, ainda que seja 'na pele', parodiando Paul Valéri.

Agora é a rua dentro de casa, e a cidade esvaziada de qualquer sentido porque já é um fantasma¹⁰, um espectro negro de violência que surge por todos os lados, sufocando o sentido da beleza pública, da felicidade. Da 'felicidade'.

Por todo lado quanto mais esse 'em casa', o dentro de casa, o interior, ou melhor: quanto mais essa interioridade é violada por esses dispositivos representacionais de controle grades, senhas, o medo de estar sendo vigiado, só se pode prever uma reação privatizante, reacionária, seja etnocêntrica, nacionalista, xenofobia. A perversão dessa lei explica Derrida é que pode tornar virtualmente xenófobo justamente quem protege sua própria hospitalidade, o próprio lar, justamente o mesmo lar, o mesmo fogo que tornou possível essa hospitalidade.

O desenvolvimento atual das tecnologias da informática reestruturou o espaço de tal maneira que aquilo que constituía um espaço de propriedade controlada e circunscrito como a própria casa, ficou devassada, aberta perfurada pela tecnológica *Windows*. A novidade não é a janela, mas o *Windows*, pois para constituir o espaço habitável de uma casa e um lar é preciso também uma abertura, uma porta, uma janela, é preciso dar passagem ao estrangeiro, de preferência pela porta da frente.

Não existe casa ou interioridade sem porta.

Há alguns anos atrás, Vilém Flusser já fazia uma distinção brilhante entre a porta e a janela com relação ao espaço público, ele dizia que, a porta é o elemento de comunicação, participação direta entre o público e o privado, enquanto pela janela observamos a vida pública sem sofrer as intempéries. A janela nos torna observadores mas não atores. Talvez fosse por isso que os revolucionários e as crianças adoravam atirar pedras nas vidraças.¹¹

Para oferecer hospitalidade, perguntava Derrida, é preciso, realmente, partir da existência segura de uma morada ou apenas a partir do deslocamento do sem-abrigo, do sem-teto? O que se pode abrir para a autêntica hospitalidade?

Talvez, só aquele que suporta a experiência da privação da casa pode oferecer a hospitalidade. O problema é que ao perder a casa muitas vezes ele perde também o sentimento de hospitalidade.

Solis a respeito da hospitalidade na arquitetura, diz "que poderíamos empreender um estudo minucioso de arquitetura clássica, por exemplo, dos gregos até nossos dias, para encontrar em quase todas as formas arquitetônicas e estilos uma pequena idéia que seja de hospitalidade. Para Platão, *Khora* como espaço aberto é quase sinônimo de hospitalidade. A arquitetura se dispõe a propiciar a hospitalidade, onde o conforto seria a medida da hospitalidade, porém 'o conforto de morar está muito mais no cérebro do que nas costas'.¹²

9 SOLIS (2009. P.153).

10 FUÃO (2001)

11 Vilém FLUSER em LIMA (1984, p. 106).

12 SOLIS 2005, p.122).

A hospitalidade é um conceito diretamente enraizado ao ser e sua circunstancia. É mais uma questão de abertura, vazão, espera, do que de território ou cercamento. A hospitalidade só pode ser oferecida por alguém, segundo um aqui e agora, numa situação específica. Não é possível pensar a hospitalidade só em sua relação com o lugar, que a funda, como fundação. Mais que isso, não é possível pensar a hospitalidade sem a relação do hospedeiro e hospede, sem essa pessoa que espera a chegada do outro, a figura da espera, e desse outro que não vê a hora de chegar, as vezes desesperadamente: o errante. Os mitos da hospitalidade: Bausius e Filemon, e da morte de Édipo, referem-se basicamente ao amor em suas diversas formas, ou a morte como o lugar último da hospitalidade.

É como se o lugar que estava em questão na hospitalidade fosse um lugar que não pertencesse originalmente nem aquele que hospeda, nem ao convidado, mas ao gesto pelo qual um oferece acolhida ao outro mesmo, e sobretudo se este outro está sem morada. É como se realizasse dentro, no interior da figura da espera, como se realizasse também no interior da figura do errante, do estranho, um no outro, em nenhum, simultaneamente.

De outra maneira, a hospitalidade pode ser compreendida como um lugar que não requer um “lugar” propriamente dito, um espaço planejado. Para o conceito de hospitalidade esse lugar é o outro, o corpo do outro, o espaço de pertencimento desse outro, o tempo, o tempo do outro, dos outros como bem descreveu Van Eyck na “Interioridade do tempo”. Outro tempo, outrora.

O outrora não quer dizer passado, mas simplesmente outro tempo, que nada mais é que o tempo do outro. O outro é sempre um outro espaço, um outro lugar, um outro tempo. O outro é sempre um outro tipo de ocupação, um desvio na origem do uso de um espaço já programaticamente definido. Um acontecimento. O outro é sempre uma deturpação, um *detournement* da prática do espaço, como se essa diferença desdobrasse o sentido da coisa em outra coisa, virasse do avesso.

A hospitalidade fica ameaçada numa cidade em que um grande número de pessoas não tem mais moradia, ou nunca tiveram, vivendo em condições extremas de miserabilidade. E, todas as portas que se poderiam abrir para elas estão fechadas. De outra maneira, refletir sobre a hospitalidade também é denunciar as formas de poder, as formas sutis pelas quais a ética da hospitalidade acaba por servir a outros fins que não são os seus, como os comerciais por exemplo. Hoje juntar desordenadamente o inessencial e o essencial é uma ameaça insuportável para nossa sociedade produtivista e do consumo. Numa sociedade devotada a quantificação do útil, do produtivo e do eficaz, o perigo supremo está no inútil, no improdutivo, no deficiente, na gratuidade absoluta como um desmascarar de todo o edifício dos valores da eficiência.

Infelizmente as cidades perderam o sentido de solidariedade, hospitalidade, hoje elas são intermediadas muito mais pelas especializações do Estado, do que pelos os antigos laços sociais. Elementos arquitetônicos da hospitalidade: A porta, a marquise, os baixios de viadutos e pontes, as arcadas, as galerias.

Lares

A questão da hospitalidade x hostilidade, familiaridade x não familiaridade passa pelo problema milenar e cultural do lar, do culto aos mortos, aos monumentos. Fustel de Coulanges em seu celebre livro *A cidade antiga*¹³ nos explica detalhadamente sobre a origem e significado da palavra *lares*, a qual estava diretamente associada ao fogo sagrado. Todas as casas dos gregos ou dos romanos possuíam um altar; e nesse altar devia haver sempre restos de cinzas e brasas. Era obrigação sagrada do dono de cada casa conservar o fogo, dia e noite. O fogo só deixava de brilhar sobre o altar quando toda família havia morrido; lar extinto, família extinta, eram expressões sinônimas entre os antigos.

As almas humanas divinizadas pela morte os gregos chamavam de demônios, ou heróis. Os latinos, por sua vez, chamavam *lares*, *manes*, *gênios*. O lar era o fogo sagrado que representava, encarnava os mortos. O lar era o altar, o lugar de adoração. Esse fogo, diz Coulanges, tinha algo de divino, adoravam-no, prestavam-lhe verdadeiro culto, davam-lhe como oferendas: flores, frutas, incenso, vinho. Dirigiam-lhe fervorosas preces para dele conseguirem saúde, riqueza e felicidade. Os lares, os antepassados da família, era o deus protetor da casa, da família.

Até hoje, tanto na língua portuguesa como na espanhola podemos observar esse fenômeno associado na palavra *bogar*, em espanhol, que designa tanto o lar como a lareira, ou em português na palavra lareira que

13 COULANGES (1981).

contem o prefixo lar. Abreviando, a palavra lar esta associado ao fogo, aos mortos e aos deuses da família. Assim que, a palavra lar devemos distancia-lá e distinguir da casa, porque o lar guarda o passado e a morte.

O fogo mantido no lar, para o pensamento dos homens, não é o mesmo fogo da natureza material. O fogo do lar era um fogo puro, só podendo ser produzido, quando ajudado por certos ritos e por determinadas espécies de madeira.

Era um fogo casto; a união dos sexos, por exemplo deveria arredar-se para longe de sua presença. O fogo do lar era pois, uma espécie de ser moral. O homem nunca saía de casa sem antes dirigir uma prece ao seu lar, assim como quando voltava. O fogo do lar era a providência da família, se o fogo se extinguisse deixava de existir o deus.

Aqueles a quem os antigos chamavam lares ou heróis eram somente as almas dos mortos, a que o homem atribuía um poder sobre-humano e divino. O culto dos mortos representava o culto dos antepassados, que a sua vez, teremos a versão contemporânea no culto a Historia, no culto aos monumentos proposto por Alois Riegl.

Na Grécia e Roma antiga quando enterravam-se os mortos nas casas das famílias, essa pratica estabelecia a relação entre o culto dos mortos e o lar, entre a tradição, a família e a propriedade privada. O vivo não podia passar sem o morto, nem este sem aquele.

Coulanges também nos explica a questão do tempo que vem atada à questão da geração e da criação¹⁴. Essa geração era ditada pelo masculino, e acabaria resultando no direito privado e na constituição da família patriarcal. A mulher seria a verdadeira estranha na família do esposo. Ela ao casar perdia o direito ao culto de seus familiares, renunciava a seus próprios antepassados, ao seu lar, e acabaria cultuando o lar da nova família que seria o lar de seu esposo. A mulher não poderia adorar o lar do esposo, enquanto seu pai não a tivesse desligado do lar paterno.

Há três coisas que, esclarece Fustel de Coulanges, desde os tempos mais antigos se encontram fundadas e estabelecidas solidamente pelas sociedades gregas e itálicas: a religião doméstica, os *lares*, a família e o direito da propriedade, três coisas que andavam inseparáveis

A idéia de propriedade privada estava na própria religião, estava atada à família, e cada família tinha o seu lar e os seus antepassados. O lar, o altar era o símbolo da vida sedentária. Uma vez assente nunca mais deveria mudar de lugar.

O Deus da família quer ter morada fixa. Assim o lar, o morto, toma posse do solo, apossa-se desta parte de terra que ficará sendo, assim, sua propriedade. O lugar pertence-lhe: é a sua propriedade, propriedade não de um homem só, mas de uma família, cujos membros devem vir, um após o outro, geração após geração, morrer ali, guardar-se ali. O lar era coisa sagrada, expressão essa popular, que chegou até aos nossos tempos. Abandonar um lar significava abandonar seu Deus, não significava somente abandonar a família ou a casa, mas sim abandonar seus deuses. A família, estava assim atada a esse lar e este, por sua vez, encontrava-se fortemente ligado ao solo; uma estreita conexão estabelecia-se entre solo e família. Ali deveria ser a sua residência permanente, que nunca pensará deixar, salvo se alguma força superior a constranja.

Coulanges explica que a propriedade privada era uma instituição, sem a qual a religião doméstica não poderia existir. Essa religião prescrevia isolar o domínio e isolar também a sepultura: a vida em comum tornava-se, pois, impossível. Não foram as leis, mas a religião, aquilo que primeiramente garantiu o direito de propriedade. Toda essa religião se limitava ao interior da casa. O culto não era público. O lar nunca estava colocado fora da casa, ou nem mesmo junto a porta externa, donde qualquer estrangeiro pudesse ver com facilidade.

Os romanos escondiam-no no próprio coração da casa, na sua interioridade. Todos esses deuses (*fúgo*, *lares*, *manes*) chamavam-lhes deuses ocultos, ou deuses domésticos, porque sua pratica de culto era oculta. Por isso ainda encontramos expressões que dizem que a lareira é o coração da casa.

Esse oculto será justamente, algo relacionado não só ao reprimido, corroborando com Freud, mas também daquilo mais íntimo que deve ser preservado guardado.

14 "Lembremo-nos, de que entre os antigos não existia ainda a idéia de criação; e por isso, para os seus homens, o mistério da geração lhes aparecia como aquilo que o mistério da criação hoje pode representar... Esta religião só podia propagar-se pela geração. O pai dando a vida a seu filho transmitia-lhe, ao mesmo tempo, com a vida, a sua crença, o seu culto, o direito de manter o lar, de oferecer a refeição fúnebre." (COULANGES, 1981p.39).

A interioridade em Peter Eisenmann¹⁵

Eisenmann, em seu livro *Diagram diaries*¹⁶, coloca que a arquitetura tem sido analisada, ao longo dos tempos, mediante fenômenos externos a ela tais como, os fatores políticos, as condições sociais, os valores culturais, o *zeitgeist*, mas raramente foi examinada sobre seu próprio discurso, sua interioridade. A interioridade da arquitetura para Eisenmann é algo inerente à própria arquitetura, algo próximo à busca de uma essência, a um tipo de essência vazia da própria arquitetura, um grau zero de escritura. Uma interioridade centrada nela mesma, numa possibilidade retórica da arquitetura poder manifestar sua interioridade na realização do edifício. Assim, seria o tempo e a história dessas estratégias projetuais que comporiam um legado fundamental para o entendimento da interioridade. A essa história ele nomeia ‘interioridade da arquitetura’, uma “acumulação de *tropes* e retóricas utilizadas em diferentes períodos do tempo para dar significado ao discurso arquitetônico”.¹⁷

Para ele essa espécie de arquivamento histórico dessas estratégias retóricas implicam numa repetição, mas essa repetição deve ser compreendida como uma repetição da diferença, no sentido proposto por Deleuze em *Diferença e repetição*, do que uma repetição do mesmo, interessando-lhe a singularidade da arquitetura como uma diferença da repetição. O que interessaria não seria a repetição ou as variações tipológicas mas as diferença que se produzem, ao acaso, nessa repetição.

Essa interioridade, quase como uma essência, para Eisenmann se encontraria nos diagramas, como por exemplo nos *grids interiority*. Inicialmente, a idéia do diagrama é que ele seja uma espécie de substrato da forma, um diagrama deve estar esvaziado do programa de necessidades, esvaziado de toda funcionalidade, ou dos condicionantes externos, de tudo aquilo se constitui a vida mesmo; estaria quase na diferença entre a forma como um envoltório da função e o significado proveniente dela. Nunca estaria no vazio, mas na relação que o diagrama abre como potencial significativo.

Eisenmann explica que a interioridade da arquitetura sempre esteve associada a uma funcionalidade, a um vazio espacial propício a uma utilização funcional. Para ele, a interioridade da arquitetura não está no objeto, mas em sua linguagem, em sua escritura, em sua produção. A arquitetura se fez arquitetura por sua própria linguagem, por sua linguagem arquitetônica, por sua representação. O diagrama é parte desse processo que tenta abrir a arquitetura para seu próprio discurso, a sua própria teoria. O diagrama é, antes de nada, uma forma de escritura.

Mas esse signo do qual Eisenmann reenvia para uma escritura de grau zero - tal qual propôs Roland Barthes - como forma de significação se mostrou incompleta. A representação da arquitetura sempre foi uma linguagem seleta, cerrada em retóricas eruditas, ignorando outras falas, as outras representações, os ‘não saberes’. A linguagem que se refere nas entrelinhas de Eisenmann é a mesma representativa do poder, uma linguagem enquanto representação de exclusão, na qual eventualmente se apropria de não saberes oficializando-as.

É uma interioridade do conhecimento das poéticas e retóricas contidas no interior do discurso da arquitetura. A interioridade da arquitetura não está no vazio interior do espaço arquitetônico, mas no interior da linguagem, no interior da representação dessa arquitetura.

Constata-se em Eisenmann a persistência de que a interioridade estaria no interior da linguagem, e nunca fora dela, em seu silêncio, como se o sentido não pudesse estar fora, fora do conteúdo, fora da lógica do sentido. Como se o significado, a interioridade da arquitetura não pudesse estar e devesse estar, fora da arquitetura, no constante deslizamento de um fora para dentro e de um dentro para fora.

Bibliografia

AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer*. Belo Horizonte, Editora da UFMG, s/d 210 p.

COULANGES, Fustel. *A cidade antiga*. São Paulo, Martins Fontes Editora. 1981. 480 p.

15 Meu estudos sobre a desconstrução em Peter Eisenmann se deve, graças, as contribuições de Beatriz Regina Dorfmann em sua tese *Relações entre a arquitetura de Peter Eisenmann e a filosofia de Jacques Derrida*, a qual tive a honra de orientar. PROPAP. UFRGS. 2009.

16 EISENMANN (1999)

17 EISENMANN, P. op. cit.; p 37.

DELEUZE, Gilles. El pliegue, Leibniz y El barroco. Barcelona, Ediciones Paidós.1989.179 p.

DORFMAN, Beatriz Regina, Relações entre a arquitetura de Peter Eisenmann e a filosofia de Jacques Derrida. Tese doutoral. PROPAR. UFRGS. 2009.

EISENMANN, Peter. Diagram diaries. London. Thames & Hudson, 1999

DUFOURMANTELLE, Anne; DERRIDA, Jacques. Da hospitalidade. São Paulo. Escuta. 2003. 138 p.

EISENMANN, Peter. Diagram diaries. London. Thames & Hudson, 1999.

FLUSER, Vilém. Debate sobre collage, em LIMA, Sergio. Collage em nova superfície. São Paulo. Editora Parma. 1984, p. 106.

FUÃO, Fernando. Cidades fantasmas. ARQtexto n..1. Porto Alegre. Propar.UFRGS. 2001

FUÃO, Fernando. O sentido do espaço, em que sentido, em que sentido?. Disponível em <http://vitruvius.es/revistas/read/arquitextos/05.050/563>. Julho 2004.

FUÃO, Fernando. Viagem ao fim do mundo. Disponível em <http://www.fernandofuao.arq.br/textos/viagemfim.pdf>

ROWE, Colin; KOETTER, Fred. Ciudad collage. Barcelona, Editorial Gustavo Gili. 1982

SOLIS, Dirce Eleonora. Desconstrução e arquitetura, uma abordagem a partir de Jacques Derrida. Rio de Janeiro. Editora Uapê. 2009. P.153.

SOLIS, Dirce. Eleonora. Jacques Derrida e a ética da hospitalidade. Revista de filosofia. SEAF, Ano V, n.5, nov.2005, p.122.

VAN EYCK, Aldo. La interioridade del tiempo, em Jencks, C.; Baird, G.; El significado en arquitectura, Madrid, Hermann Blume, 1975, p.187.